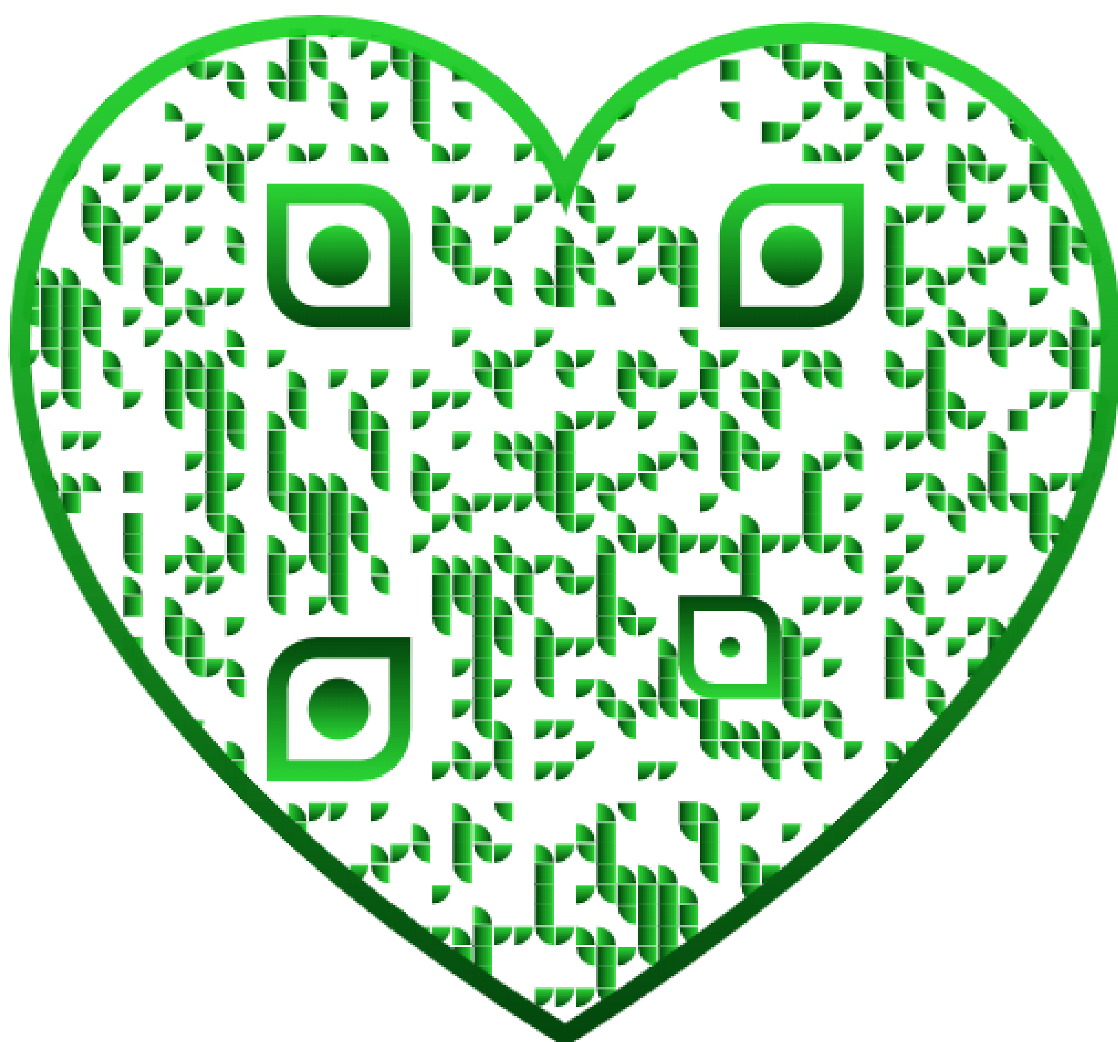
Paul Strathern

Hegel

em 90 minutos



Jorge Zahar Editor



FILÓSOFOS
em 90 minutos
. . . .
por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos

Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

HEGEL
(1770-1831)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Maria Helena Geordane

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio



SUMÁRIO

. . . .

Sobre o autor

Introdução

Vida e obra

Posfácio

Citações-chave

Cronologia da vida de Hegel

Cronologia da época de Hegel

Cronologia de datas significativas da filosofia

Leitura sugerida

Índice remissivo

SOBRE O AUTOR

. . . .

Paul Strathern foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries “Filósofos em 90 minutos”, traduzida em mais de oito países, e a mais recente “Cientistas em 90 minutos”. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *freelance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

. . . .

Em 1770, ano do nascimento de Hegel, Kant dava sua aula inaugural na Universidade de Königsberg. Nesse mesmo ano, nasciam os poetas Hölderlin e Wordsworth. Os germes do lirismo arrebatado e da sistematização profundamente austera estavam semeados: os extremos da subjetividade e da objetividade. A Europa encontrava-se à beira de sua maior transformação desde o Renascimento. A Revolução Francesa era a manifestação política dessa mudança, e o movimento romântico, sua expressão cultural. Enquanto isso, a Revolução Industrial estava para mudar a face de todo o continente. Anos após a morte de Hegel, Marx viria a preparar uma transformação ainda mais intensa, que iria alterar a fisionomia do século XX.

Hegel se envolveria intensamente nessas duas transformações. Em uma guinada radical que só poderia ter sido assimilada por seu celebrado método dialético, o estudante Hegel saudou a Revolução Francesa, e o Hegel idoso cantou as glórias do arquiconservador estado prussiano.

Nas mãos de Hegel, o método dialético produziu o mais mastodôntico sistema filosófico que o homem conheceu, um monolito em louvor do estado monolítico. No entanto, nas mãos de seu ávido seguidor, Marx, o método de Hegel daria origem à maior revolução desde a Revolução Francesa, que por sua vez geraria o mais mastodôntico sistema político que o homem já conheceu (o qual, em muitos aspectos, é estranhamente semelhante ao estado prussiano). Era assim, em grande parte, que o sistema dialético de Hegel se propunha funcionar – embora ele provavelmente não o considerasse de tal forma.

VIDA E OBRA

. . . .

“O cúmulo da audácia em oferecer um puro despropósito, em juntar labirintos de palavras sem sentido e extravagantes, antes vistas apenas em hospícios, foi finalmente alcançado em Hegel, tornando-se o instrumento da mais desavergonhada mistificação geral jamais ocorrida, com resultados que parecerão fabulosos à posteridade e permanecerão como um monumento à estupidez alemã”, escreveu Schopenhauer, que foi colega de Hegel na Universidade de Berlim. Esse comentário não pretendia ser preconceituoso, mas simplesmente uma advertência. Com Hegel, a filosofia se transforma em matéria de *extrema seriedade*, de modo que é melhor deixarmos as anedotas de lado desde o início. Como advertiu um ardente e rancoroso pregador inglês da época, em sermão dirigido a um público elegante e sorridente, em Bath: “Não há esperança para os que riem.”

Com Hegel, a filosofia se tornou de fato muito difícil, exigindo a *máxima concentração*. Parece, assim, que Schopenhauer, a despeito de sua inteligência aguda, apenas não estava se empenhando o suficiente. Por outro lado, o próprio Hegel admitiu que “apenas um homem me entende, e mesmo ele não o consegue”. Alguns críticos consideram que nesse ponto Hegel estava exagerando. Terá esse homem existido realmente?

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em 27 de agosto de 1770 em Stuttgart. Sua família tinha se dedicado ao serviço público por várias gerações e seu pai trabalhava na coletoria de impostos de Württemberg. Sua educação deixou-lhe um forte sotaque suábio, que conservou até o final da vida, assim como a crença de que a discrição é uma das virtudes fundamentais da verdadeira cultura.

Hegel foi uma criança frágil e sofreria várias doenças graves antes de chegar à maioridade. Aos seis anos, foi seriamente acometido de varíola e quase morreu. Ficou cego por mais de uma semana e sua pele ficou

desagradavelmente marcada. Aos onze, sobreviveu à febre que se abateu sobre toda a família e que acabou matando sua mãe. E, ainda estudante, a malária o prendeu à cama por vários meses.

O filósofo cresceu lendo avidamente – literatura, periódicos e outras obras sobre quase todos os assuntos disponíveis. Mesmo jovem, no entanto, já acreditava em uma abordagem estritamente sistemática – e copiava meticulosamente em seu diário excertos de tudo que havia lido. Esse treinamento completo em pedantismo (sua "fábrica de citações", como ele chamava) incluía trechos sobre tudo – da fisiognomia à filosofia, dos hiperbóreos à hipocondria. Os assuntos pessoais só figuravam em seu diário quando esclareciam um princípio abstrato. Nos dias em que não encontrava nada sério o bastante para registrar, considerava o fato tão grave que assinalava as razões que haviam gerado essa lamentável situação. É possível aos ávidos e eruditos leitores dessa miscelânea intelectual encontrar lado a lado um relato de um incêndio local e uma crítica sobre um concerto a que comparecera, seguidos de uma descrição e análise da baixa temperatura, de um breve tratado sobre a homilia "o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal" e de uma lista dos méritos que descobriu em um dicionário de latim que acabara de receber de presente. Um erudito leitor observa: "Ele compõe uma oração em latim, afirma ser contra a prática de ditar-se em alemão um tema para ser traduzido para o latim, anota seu horário escolar na margem, diz que ele e seu amigos olhavam para as garotas bonitas, faz comentários sobre Virgílio e Demóstenes, confessa-se curioso a respeito de um relógio musical e de um mapa das estrelas e, aos domingos, estuda trigonometria."

É difícil salientar a importância dessa "fábrica de citações" – tanto ilustração de uma excepcional erudição como de uma aridez prematura. Mais tarde, os gigantescos volumes de sua obra iriam fazer referência a uma gama de conhecimentos quase sobre-humana. O fato de essas referências com freqüência apresentarem erros desprezíveis apenas confirma a capacidade enciclopédica do cérebro de Hegel. Elas eram invariavelmente citadas de memória – ele recusava-se a interromper sua linha de pensamento para buscar fontes ou conferir citações.

Segundo Caird, o primeiro biógrafo de Hegel, seu pai era "um homem de hábitos metódicos e de instintos conservadores próprios de sua origem". Esse arquetípico funcionário da coletoria de impostos de

província parece ter sido um pai algo distante. O contato humano mais íntimo de Hegel nesse período foi sua irmã Christiane, três anos mais nova. Órfãos de mãe, ambos desenvolveram profunda afeição mútua. O princípio abstrato que Hegel deduziu dessa rara emoção pessoal foi que o amor de uma irmã pelo irmão é a mais elevada forma de amor. Filosoficamente, mais tarde ele iria ilustrar esse princípio citando a *Antígona*, de Sófocles, em que a zelosa protagonista enfrenta a morte para sepultar o cadáver do irmão, suicidando-se depois, ato que provoca outros suicídios e desolação. Como veremos, a carregada atmosfera dessa tragédia grega espelhava a verdade psicológica implícita nessa relação entre Hegel e a irmã. A impressionável Christiane foi dominada pelo irmão sabe-tudo e seu amor por ele transformou-se em um vínculo forte e pouco natural, o que teria conseqüências trágicas.

Aos dezoito anos, Hegel matriculou-se no seminário teológico da Universidade de Tübingen. Embora exibisse todas as características de um funcionário público de primeira classe, seus pais queriam que entrasse para a Igreja. Seu interesse já ia muito além da teologia, mas foi apenas quando chegou à universidade que, pela primeira vez, interessou-se seriamente por filosofia. Foi esse interesse que o colocou em contato com dois contemporâneos excepcionais em Tübingen. O primeiro foi Hölderlin, helenista apaixonado, que se tornaria um dos mais destacados poetas líricos da língua alemã; o outro foi Schelling, cuja intensa filosofia romântica da natureza foi precursora da reação do século XIX contra as amarras superficiais do racionalismo. Nessa companhia impetuosa, Hegel logo tornou-se um revolucionário romântico. Quando eclodiu a Revolução Francesa, ele e Schelling levantaram-se de madrugada para plantar uma "Árvore da Liberdade" na praça do mercado.

Hegel interessou-se profundamente pela cultura grega antiga e pela nova filosofia de Kant. A publicação da *Crítica da razão pura*, de Kant, apenas sete anos antes, em 1781, foi saudada por Hegel como "o maior evento em toda a história da filosofia alemã".

Para avaliar por que Kant foi tão importante, é necessário expor o que aconteceu antes na história da filosofia. Em meados do século XVIII, o filósofo escocês Hume reduzira a certeza filosófica a sua condição mais baixa. A experiência era nossa única fonte de conhecimento verdadeiro. A

filosofia empirista de Hume demonstrara a impossibilidade de criar quaisquer outros sistemas filosóficos. Para construir algum sistema seriam necessários elementos como causalidade (ou seja, causa e efeito), mas Hume mostrara que isso era mera suposição. Ninguém jamais experimentara uma causa e suas conseqüências; tudo o que se experimentara efetivamente fora uma coisa seguindo-se a outra. Parecia o fim da filosofia.

Kant, no entanto, conseguiu contornar essa catástrofe, sugerindo que a causalidade era simplesmente um dos modos de se apreender o mundo – como o espaço e o tempo, a cor etc. Hume estava certo: o mundo não continha essa coisa denominada causalidade – ao contrário, ela estava em nós, em nossa maneira de perceber o mundo.

Sobre essa base, Kant conseguiu elaborar, por meio da razão, um sistema filosófico abrangente que explicava tudo. Em uma série de obras quase impenetráveis, começou a explicar seu sistema ao mundo. Iniciava-se a grande era da metafísica alemã – em toda sua arrogância e prolixidade. Hegel estava enlevado: existia uma mente tão enciclopédica (e prosaica) quanto a sua.

Hegel cultivou Kant diligentemente, complementando esse cultivo com incursões na cultura grega antiga – conseguindo no meio de tudo isso fartas colheitas para seu “fábrica de citações”. Já nesses primeiros anos era conhecido pelos colegas como “o velho” – aparentemente muito por conta de sua personalidade insípida e de sua obsessiva propensão para o estudo. Quando Hegel deixou a universidade, em 1793, não tinha intenção de ingressar na Igreja. O que de fato queria era um posto acadêmico, lecionar em uma universidade, mas surpreendentemente só conseguiu um diploma medíocre. O certificado final emitido pelas autoridades da universidade continha a perspicaz observação de que ele não era muito bom em filosofia.

De fato, as leituras de Hegel, em filosofia e em outros assuntos, tinham sido quase exclusivamente extra-curriculares – marca de muitas mentes brilhantes e de inumeráveis mediocridades. Hegel tencionava continuar esses estudos extravagantes e, para se sustentar, tornou-se professor particular. Isso o levou, por três anos, a Berna, na Suíça, onde leu consideravelmente na biblioteca e levou uma vida bastante solitária. Encontrava consolo na comunhão com a natureza.

Sua reação, porém, ao espetacular cenário alpino propicia um curioso perfil psicológico: “Procuro reconciliar-me comigo mesmo, e com os outros homens, nos braços da Natureza. Por essa razão, freqüentemente recorro a essa verdadeira mãe, para me isolar dos outros homens em sua companhia. Ela me permite proteger-me deles e impede qualquer pacto com eles.” Para ele, no entanto, os sublimes picos alpinos estavam “eternamente mortos”, ao passo que em uma cachoeira via a própria imagem de liberdade e alegria, correndo sempre para a frente. O psicólogo Scharfstein sugeriu que os picos gelados das montanhas evocavam a Hegel “a dolorosa imobilidade da depressão” e que a cachoeira representava “o prazer de livrar-se dela”. Quer isso represente percepção psicológica ou excesso interpretativo, Hegel de fato sofreu vários abalos depressivos durante esse período, uma angústia que provavelmente durou a sua vida toda. (Tanto sua prosa quanto seus retratos parecem confirmar isso.)

Sob a influência de seu herói Kant, Hegel escreveu então alguns tratados religiosos, criticando o autoritarismo cristão, e uma *Vida de Cristo*, que tratava Jesus como uma figura quase totalmente secular. Nessa obra, as explicações de Jesus para a doutrina cristã guardam, com freqüência, estranha semelhança com as palavras do herói de Hegel – a profunda simplicidade do Galileu transformando-se dolorosamente na sinuosa argumentação da filosofia prussiana. Kant havia baseado sua filosofia moral em seu conhecido imperativo categórico: “Aja somente de acordo com um princípio que desejaria que fosse ao mesmo tempo uma lei universal.” Isso vem claramente de Jesus: “Assim, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles.” A corajosa tentativa de Hegel de emular Kant terminou com a palavra de Cristo: “O que puderes será lei universal entre os homens, e também será lei para ti mesmo, de acordo com essa máxima deverás agir.” A versão que Hegel ofereceu de Jesus era sóbria tanto no estilo quanto no conteúdo – uma transfiguração sem espírito que ele mais tarde lamentaria. (Essa obra não foi publicada enquanto viveu, e nos últimos anos ele tentou destruir todas as suas cópias.)

Em 1796, seu amigo Hölderlin conseguiu-lhe um emprego como professor em Frankfurt, onde o poeta então morava. Quando chegou, porém, Hegel descobriu que Hölderlin estava delirantemente apaixonado pela mulher de um banqueiro, a qual acreditava ser a encarnação da Grécia

antiga, e mais uma vez viu-se sozinho. A fim de se distrair de sua crescente melancolia, passou a estudar ainda mais. No pouco tempo livre que se permitia, começou a compor poemas pungentes e deprimentes, numa métrica capenga:

> "Uma sábia lei proibiu aos espíritos mais pobres anunciar
> o que na noite sagrada ele viu, ouviu e sentiu,
> de modo que seu eu mais profundo não fosse incomodado em contemplação por seus ruidosos disparates,
> de modo que suas bobagens não provocassem sua ira para com a própria Santidade,
> de forma que o Santificado não caminhasse assim na imundície..."

O ponto forte de Hegel foi sempre o prosaico – a despeito de sua atitude ambígua em relação a "ruidosos disparates" e "bobagens".

Durante esses anos solitários, Hegel teve algum tipo de visão mística profunda, que parece ter se dado sob a forma de uma percepção da unidade divina do cosmo, onde toda divisão finita era vista como ilusória, tudo era interdependente e a realidade última era o Todo. Nesse período, Hegel estava lendo Spinoza, judeu panteísta do século XVII, cuja filosofia parece ter influenciado bastante essa visão.

O sistema de Spinoza era, em muitos aspectos, tão assustador quanto o de Kant. Fora construído no estilo da geometria euclidiana. Partindo de poucas definições e axiomas básicos, procedia, mediante uma série de teoremas, à elaboração de um sistema infinito de extrema limpidez e racionalismo. Esse universo-enquanto-sistema-geométrico era Deus e apenas Ele era totalmente real. Ele (e, assim, o universo infinito no qual Ele consistia) não continha negação e era governado pela necessidade lógica absoluta – como nas demonstrações de Spinoza. O mundo negativo, perverso, finito e acidental, tal como era visto pela humanidade, devia-se à nossa condição de seres finitos, incapazes de abranger a necessidade absoluta e a realidade verdadeira do todo infinito.

Em conseqüência dessa visão spinozista, Hegel decidiu abandonar distrações como a poesia, a blasfêmia e a manutenção de um diário sob a forma de enciclopédia, passando a se dedicar inteiramente à filosofia. Daí

para frente, devotaria o resto de sua vida à articulação de sua visão mística do cosmo, conferindo-lhe uma base intelectual e racional. O resultado seria o sistema abrangente por ele formulado.

Desde o início, seu sistema lembrava muito o de Spinoza – excetuando, é óbvio, a clareza geométrica. No tocante à apresentação, Hegel ainda preferia o enfoque kantiano: uma monumental confusão. Mas foi Spinoza quem lhe mostrou como se libertar da influência esmagadora de Kant. O sistema kantiano não era o único sistema filosófico possível.

Em 1799, o pai de Hegel morreu, deixando-lhe uma pequena herança – de 1.500 dólares, segundo Durrant, o que significa que pode ter sido 1.500 táleres (de onde deriva a palavra dólar). Hegel possuía então apenas o suficiente para viver, e escreveu a seu amigo Schelling perguntando se poderia recomendar-lhe uma cidade alemã onde pudesse viver modicamente – que tivesse uma cozinha regional simples, uma biblioteca ampla e *ein gutes Bier* (ou seja, uma boa cerveja). Na época, Schelling era a estrela precoce do corpo docente da Universidade de Iena e imediatamente encorajou Hegel a se juntar a ele. (Parece que nenhum dos dois tinha bom gosto para cerveja, o que não é usual entre filósofos. A que provei em Iena certamente não constava da Bundesliga das Grandes Cervejas Alemãs. Mais tarde, fui sinistramente informado de que era originária do hospício local.)

Em 1801, Hegel chegou a Iena, onde se tornou *Privatdozent* na universidade – um cargo cuja remuneração depende da quantidade de alunos que freqüentam as aulas. Felizmente, Hegel tinha meios próprios: no início, apenas quatro alunos interessaram-se por seus cursos. (Diferentemente de Kant, seu grande antecessor na metafísica, cujo estilo literário era execrável e a forma de lecionar brilhante, Hegel preferia ser coerente: suas aulas eram tão execráveis quanto seu estilo literário.)

No final do século XVIII, a Universidade de Iena era a mais atraente da Alemanha. Ali, Schiller ocasionalmente dava aulas de história, os irmãos Schlegel e o poeta Novalis ajudavam a estabelecer a primeira escola do romantismo alemão e a mais moderna filosofia pós-kantiana era desenvolvida pelo grande idealista Fichte. Todas essas figuras poéticas já tinham partido quando Hegel chegou para dar suas aulas, mas, em seu lugar, Schelling, aos vinte e seis anos, inspirava os alunos com o

entusiasmo romântico de sua filosofia da natureza. Isso era provocante demais para Hegel, e ele logo começou a se desentender com Schelling.

Enquanto isso, apesar do espantoso aumento da freqüência às suas aulas (chegando a onze alunos), Hegel começou a ficar sem dinheiro, mas recusou-se a optar pelo mais fácil. Tinha integridade assim como os ouriços têm espinhos. Nem por um momento sentiu-se tentado a tornar suas exposições interessantes ou mesmo compreensíveis. Começava então a formular seu grande sistema e parece tê-lo desenvolvido à medida que prosseguia – aplicando-o a seus alunos. Nas palavras de um de seus últimos discípulos admiradores: "Gaguejando já de início, obrigava-se a continuar, começava de novo, de repente parava outra vez, falava e meditava: a palavra precisa parecia estar sempre sendo buscada e só então vinha com certeza infalível. Agora podia-se dizer que havia uma proposição e esperava-se um novo avanço. Em vão. O pensamento, ao invés de progredir, girava em torno dos mesmos pontos, com palavras semelhantes repetidas incessantemente. No entanto, se a atenção esgotada se permitisse por um momento a distração, constataria, ao voltar, que perdera o fio do discurso." Não nos esqueçamos de que esse é o relato de um discípulo fervoroso – pode-se imaginar o efeito dessa técnica sobre um aluno infeliz após uma noite tomando a cerveja do hospício.

O que fazer, então, com Hegel? Afinal, alguém apelou para Goethe, que era conselheiro particular na corte vizinha de Weimar e exercia influência sobre as autoridades. Hegel foi nomeado professor extraordinário (simplesmente confirmando o óbvio, na opinião de alguns de seus colegas) com um salário de cem dólares.

Isso permitiu-lhe avançar em sua grande obra filosófica, *A fenomenologia do espírito*. Mas suas atividades fenomênicas não se limitavam exclusivamente ao espírito, uma vez que, por essa ocasião, sua senhoria engravidou. Esse fato aparece em suas biografias como a fortuita e rara jóia de lucidez em sua prosa. Após um clarão, desapareceu sufocada em um redemoinho confuso. Não se tratava, no entanto, de um sistema filosófico, onde a verdade pode algumas vezes permanecer obscura muito tempo após a morte do autor. A senhoria botou a culpa em Hegel.

Napoleão ampliava então, pouco a pouco, seu domínio sobre a Europa. O conflito com a Prússia tornou-se finalmente inevitável e, em 1806, as tropas francesas marcharam sobre Iena. Hegel desprezava a burocracia

prussiana e saudou a chegada de Napoleão, o que não chegava a ser verdadeiramente um resquício de seu fervor revolucionário juvenil – ele sentia que testemunhava o Processo da História operando de acordo com seu sistema. "Eu vi Napoleão, aquela alma do mundo, cavalgando pela cidade." No dia seguinte, os soldados franceses começaram a saquear e a incendiar as casas em sua rua e Hegel fugiu para a casa de um professor vizinho, com o manuscrito de *A fenomenologia do espírito* no bolso do casaco. (A julgar pelo tamanho da obra, ele devia estar usando um casaco *enorme*.) Foi ali que Hegel escreveu as frases finais de sua obra-prima, enquanto os exércitos francês e alemão combatiam do lado de fora da cidade. Segundo um relato, quando Hegel ouviu os soldados retornando, interrompeu seu trabalho para olhar pela janela e perguntar: "Quem ganhou?"

Os franceses tinham vencido a batalha de Iena e Hegel encheu-se de entusiasmo. A alma do mundo continuava a avançar sobre o mundo sem alma. Após a batalha, porém, a universidade foi obrigada a fechar e Hegel encontrou-se mais uma vez praticamente falido, limitando-se a viver de seu estipêndio. No ano seguinte, foi publicada *A fenomenologia do espírito*.

Essa obra é, em geral, considerada a obra mais perfeita e a mais complexa de Hegel. Kant já havia fixado em 800 páginas a extensão necessária a um texto filosófico alemão, e Hegel então mostrou que estava à altura de seu grande predecessor. Foi na prolixidade de sua prosa, no entanto, que Hegel, ofuscou em muito o brilho de Kant. Como exemplo, escolhi propositalmente uma de suas frases mais claras e mais simples: "No entanto, como o próprio espírito não é uma entidade abstratamente simples, mas um sistema de processos, dentro do qual ele se distingue por momentos, mas no próprio ato de distinguir permanece livre e independente; e, à medida que o espírito articula seu corpo como um todo em uma variedade de funções, e designa uma parte específica do corpo para uma função apenas: assim também pode-se representar para si mesmo o estado fluido de sua existência interna (sua existência de si mesmo) como algo que é articulado em partes." E assim vai...

Pode parecer divertido, se tomarmos uma frase de cada vez. Mas, após várias centenas de páginas, a piada terá perdido muito de sua graça.

Nem por um momento, no entanto, devemos nos iludir pensando que toda a sua obra é assim. Gradativamente (*muito* gradativamente) chegou a uma apoteose final que descrevia o Conhecimento Absoluto. É difícil até mesmo conceber uma frase de mais de doze linhas que permaneça, em toda a sua extensão, totalmente destituída de qualquer sentido. (Tente.) Mas Hegel tinha então a faca e o queijo nas mãos e conseguia esse feito páginas a fio: "Conhecer as noções puras do conhecimento sob a forma em que são modos ou perfis de consciência – isso constitui o aspecto de sua realidade, de acordo com o qual seu elemento essencial, a noção, ali aparecendo em sua simples atividade mediadora como pensamento, define e separa os momentos dessa mediação e os exibe a ela própria, de acordo com sua oposição imanente."

Hegel afirmava que essa era "uma tentativa de ensinar a filosofia a falar alemão". Alguns são de opinião que ele teve êxito. Mas essa opinião maliciosa é um insulto ao alemão – a língua de Hölderlin e Rilke. Antes de tentar ensinar qualquer coisa à filosofia, talvez Hegel devesse ter tentado ensinar a *si mesmo* a falar alemão.

O que significa exatamente tudo isso? Não é possível escrever uma obra de 800 páginas em qualquer língua sem que ela signifique algo. Munidos desse artigo de fé, muitos eruditos se aventuraram no pântano da prosa de Hegel. Alguns emergiram como marxistas, outros como existencialistas, outros ainda não emergiram (os hegelianos). Enfim, Hegel precisou de dez volumes para *sintetizar* sua filosofia. (A expectativa é de que a nova edição definitiva de suas obras, a ser publicada pela Deutsche Forschungsgemeinschaft, tenha mais de 50 volumes.) Assim, qualquer tentativa de resumir o pensamento de Hegel é como tentar inferir, a partir do ossinho da ponta da cauda do dinossauro, o mastodôntico e desajeitado animal extinto ao qual ele pertence.

Na *Fenomenologia do espírito*, Hegel descreve o processo lógico mediante o qual a mente humana emergiu da simples consciência, através dos estágios da autoconsciência, da razão e do espírito, até o Conhecimento Absoluto, em cujo esboço iria se basear para criar seu grande e abrangente sistema.

O sistema de Hegel incluía absolutamente tudo. Se ele está ou não absolutamente certo a respeito de tudo (ou, mesmo, a respeito de qualquer coisa), depende de como se vê sua estrutura e sua dinâmica básicas. Todo o

sistema se apóia no modo original de raciocinar de Hegel – seu celebrado método dialético, que começa com uma "tese". Por exemplo: "existência". Segundo Hegel, esta é inevitavelmente vista como inadequada e incompleta. Quando contemplamos a noção de "existência", ela provoca o surgimento de seu oposto, sua "antítese": "não existência". Esta também é vista como inadequada e, então, os dois opostos se juntam para formar uma "síntese", no caso "tornar-se". Essa síntese conserva o que há de racional tanto na tese quanto na antítese e pode, por seu turno, transformar-se em outra tese. Isso faz com que o processo possa ser repetido, em uma série de tríades, ascendendo a domínios cada vez mais racionais. À medida que se torna mais racional, torna-se mais espiritual. E quanto mais se torna espiritual, mais se torna consciente de si mesmo e de seu próprio significado. Esse processo desemboca no Conhecimento Absoluto, que é "o espírito conhecendo-se como espírito".

No entanto, o elemento vital do sistema continua a ser o dialético, que opera em todos os níveis – dos mais elevados domínios espirituais aos mais obscuros processos da história, ciência, arte etc. Um exemplo da dialética de Hegel nesses níveis seria:

Tese: arquitetura.

Antítese: as artes românticas.

Síntese: a escultura clássica.

Se o argumento acima tem ou não alguma relação com a verdade, conforme a vemos, não deve ser preocupação nossa por enquanto. Ele é apresentado tão-somente para ilustrar o método de Hegel e o tipo de material que ele colocou nesse moinho universal. Um exemplo mais vago e abstrato (ao qual, evidentemente, ele se aplica muito melhor) seria:

Tese: universalidade.

Antítese: particularidade.

Síntese: individualidade.

O método dialético de Hegel (ao qual ele se referia como lógica) surgiu de uma louvável ambição. Ele desejava superar a principal deficiência da lógica tradicional – o fato de que era inteiramente vazia. A lógica jamais diz algo a respeito de qualquer outra coisa a não ser sobre si mesma. Tomemos, por exemplo, um argumento tradicional como:

Todos os filósofos são intelectuais megalomaníacos.

Hegel é um filósofo.

Logo, Hegel é um intelectual megalomaníaco.

Do ponto de vista lógico, esse argumento seria exatamente o mesmo se fosse aplicado a feiticeiros, mágicos e Merlin. Assim, poderíamos escrever:

Todos os A são B.

X é A.

Logo, X é B.

A forma *lógica* permanece a mesma, independentemente de seu conteúdo. Segundo Hegel, o objetivo da lógica é a verdade. Mas se a verdade é vazia de conteúdo, o que é ela então? Nada. A verdade vazia desse tipo tradicional de lógica não fornece qualquer informação. Ela não consegue descobrir a verdade real. Hegel almejava vencer essa separação entre forma e conteúdo.

Sua argumentação se desenvolve conforme se vê a seguir e ele pretendia que fosse absorvida em sua totalidade. (Os hiatos da lógica usual, que podem desafiar nossa credulidade, são reduzidos quando o argumento é visto como um todo, segundo nos asseguram.) Hegel começa dizendo que a lógica é o estudo do pensamento. Como vimos, o processo dialético eleva-se em direção à mente, ou ao Espírito Absoluto. A mente é a realidade última, abstraída das formas particulares das quais se reveste no mundo natural. É a mente que dá forma ao mundo. Por isso, um estudo de como a mente funciona (pensamento) revelará como o mundo funciona.

A partir dessa argumentação, conclui-se que não há realidade objetiva independente do pensamento. Com efeito, na *Fenomenologia do espírito* Hegel sustenta que o pensamento é a realidade objetiva e vice-versa. Os dois são uma única e mesma coisa, o que significa que, quando a lógica se dirige ao pensamento, ela também se dirige à realidade. A matéria de estudo da lógica é, portanto, “a verdade como ela é”.

Assim, a dialética – com seu método triádico de tese, antítese e síntese – possui tanto forma quanto conteúdo. Ela “funciona como a mente funciona” e trata “a verdade como ela é”. Uma tese gera sua antítese mediante sua incapacidade formal de acomodar seu conteúdo em sua totalidade. Como na tese “existência”, que necessariamente gera sua antítese “não existência”, com as duas então convergindo para formar a síntese “tornar-se”.

Inegavelmente, esse sistema consegue gerar uma ampla gama de idéias impactantes, profundas e desafiadoras, que permanecem, no entanto, essencialmente poéticas. De fato, o sistema todo é em essência uma linda idéia poética. Mas é como uma borboleta presa com marretadas em um alfinete. E, em muitos patamares inferiores da pirâmide, as idéias não são apenas erradas (Tese: a religião judaica. Antítese: a religião romana. Síntese: a religião grega.), mas vazias (Tese: ar. Antítese: terra. Síntese: fogo e água). Daí se pode deduzir que, apesar da afirmação de Hegel de que seu sistema é necessário (no sentido lógico), ele permanece consideravelmente arbitrário. Sua lógica nada possui do rigor do sistema geométrico de Spinoza, por exemplo. E, como veremos, quando incursiona por áreas mais práticas, como a história, pode provocar o surgimento de idéias bastante desagradáveis de fato. (A noção de um líder nacional como a personificação da "alma do mundo" pode ter tido alguma justificativa poética na época de Napoleão, mas definitivamente não é um pensamento aceitável à luz da experiência do século XX.)

Apesar da publicação de sua alentada obra, Hegel ainda estava falido. A universidade permanecia fechada e ele começou a procurar emprego; nesse momento, porém, um processo dialético mais próximo de casa havia produzido sua inevitável síntese. A senhoria de Hegel dera à luz um filho, que recebeu o nome de Ludwig.

Logo depois, Hegel deixou a cidade para assumir o cargo de editor do *Bamberger Zeitung*, emprego no qual se manteria pelos dois anos seguintes. Infelizmente, podemos apenas imaginar como eram seus editorais, já que todos os exemplares do jornal, datados de 1807-8, parecem estar em contradição com o processo de espiritualização da história.

Aos trinta e oito anos, Hegel tornou-se diretor de um *Gymnasium* em Nuremberg. Esse cargo, em que permaneceria pelos oito anos seguintes, proporcionou-lhe tempo livre suficiente para prosseguir sua obra filosófica. Há muito abandonara a tese da libertação revolucionária e, como vingança, adotara sua antítese. Ele era perfeito para o cargo de diretor, declarando: "O ideal de toda educação é erradicar a imaginação, os pensamentos e as reflexões bizarras que a juventude possa ter e formar ... O pensamento, tanto quanto a vontade, deve começar pela obediência."

Assim como muitos professores se mostram desinteressados por seu trabalho, ou simplesmente preguiçosos, ele era um caxias. Se alguém incomodava Herr Rektor Hegel em seus estudos, era por sua conta e risco. Um de seus alunos relata: “Eu e outro colega fomos escolhidos para expor diante dele as queixas dos alunos. Que recepção tivemos! Mal me recordo de como descemos as escadas.”

Outra antítese surpreendente aconteceu nessa ocasião. Hegel se apaixonou. Para alguns, esse conceito pode ser tão difícil de entender quanto a noção dialética do Absoluto. Hegel tinha então quarenta anos e era um autêntico solteirão (exceto por um único escorregão). Anos de infatigável estudo haviam cobrado seu tributo. Seu rosto taciturno e pálido envelhecera precocemente, o cabelo rareava e seus retratos mostram uma evidente astúcia no olhar. Era corpulento, mas seu corpo pendia para a frente e seu comportamento social era bastante inoportuno e inábil. Georg Wilhelm Friedrich Hegel parece não ter tido carisma algum, mesmo aos olhos de seus mais fervorosos discípulos. A jovem por quem se apaixonara chamava-se Marie von Tucher, descendia de uma antiga e respeitável família de Nuremberg e tinha apenas dezoito anos.

Marie era amiga de Jean-Paul, o popular e pioneiro romancista romântico, e acreditava em idéias românticas como “sentimento” e em gestos impulsivos. Hegel dedicou-lhe poemas arrastados nos quais analisava esmeradamente a natureza dialética do amor. Mesmo durante os encontros que mantinham, ele se comportava como o diretor de escola, adotando com freqüência um tom de censura em relação às suas frívolas idéias românticas. Mais tarde, em suas cartas, tentaria se desculpar: “Confesso que, quando tenho de condenar princípios, cedo demais perco a noção do modo como se apresentam em um indivíduo particular – nesse caso, em você – e de que estou apto a considerá-los com excessiva seriedade porque vejo neles seu sentido e suas conseqüências universais, nos quais você não pensa – e que, na realidade, para você não estão de forma alguma neles.” Pode-se imaginar o que teria dito se ela tivesse plantado uma “Árvore da Liberdade” na praça do mercado, como fizera na idade dela. Mas o fato é que Marie parece ter retribuído o amor de seu velho obsessivo rabugento. Em 1811, casaram-se – em um alegre acontecimento social, ligeiramente manchado pela cena provocada pela senhoria de Hegel em Iena, que apareceu inesperadamente. Indignada,

brandia um papel que afirmava ser a promessa escrita por Hegel de casar com ela. De acordo com um relato, ela foi “apaziguada e indenizada”.

Outra chama antiga, porém, não foi tão facilmente apagada. Quando Christiane, a irmã de Hegel, soube de seu casamento, teve um colapso nervoso (descrito no insensível jargão chauvinista da época como “melancolia hipocondríaca com surtos de histeria”). Christiane trabalhava como governanta e não conseguira se casar. Sua rejeição a um pretendente resultara em um acesso de “nervosismo” acompanhado de “comportamento bizarro”. Hegel se ofereceu para acolhê-la, mas seu violento ciúme da cunhada transformou a oferta em algo impensável para ela. Foi então viver com um parente, onde, para começar, passava todo o dia no sofá uivando e gritando. Segundo esse parente, ela expressava “profunda insatisfação” com o irmão e “profundo ódio” de sua mulher. Seu estado se deteriorou a ponto de ser confinada em um asilo, de onde foi liberada um ano mais tarde.

Hegel manteve a indiferença costumeira, mas a flagrante instabilidade mental da irmã deve certamente tê-lo alarmado de algum modo. Ele continuou a passar por surtos de depressão profunda, chegando a relatar uma “descida a regiões escuras onde nada se mostra firme, determinado e seguro, onde o esplendor brilha em todos os lugares, mas próximo a abismos”. Descreveu a primeira vez que se deu conta de sua filosofia, sugerindo que “todo ser humano que passa por esses momentos decisivos experimenta o ponto noturno da contração de sua natureza, através de cujos desfiladeiros é pressionado, fortalecido e tem a garantia de se sentir seguro consigo mesmo e seguro na vida cotidiana usual; e se já se tornou incapaz de ficar satisfeito com isso, sentiu-se seguro em uma existência interior digna”. Os psiquiatras têm freqüentemente ressaltado o “anseio de proteção ou segurança ... que tanto inspira até mesmo o pensamento abstrato”. A filosofia de Hegel, decorrente de um impulso profundo, pode muito bem ter refletido uma divisão interna acentuada em sua psique. Essa especulação soaria ridícula não fosse a natureza estranhamente esquizóide (e subseqüentemente benéfica) de seu processo dialético, que ele via como “o modo como a mente funciona”.

A despeito de todas essas dificuldades, o casamento de Hegel foi feliz, segundo a opinião geral. Marie gerou dois filhos – Karl e Immanuel. Um terceiro irmão, Ludwig, ainda viria juntar-se a eles, após a morte da mãe

em Iena. Apesar das boas intenções de Hegel, porém, essa união não deu certo. Ludwig deixou-se consumir pelo ressentimento, parecendo ter herdado mais do que um pouco do intelecto do pai. Seguindo-lhe as pegadas, tornou-se um estudante radical. Queria estudar medicina, mas Hegel insistiu para que ingressasse no comércio. Ludwig fugiu e juntou-se à Legião Estrangeira Alemã; foi então enviado à Índia, onde contraiu febre e morreu.

Foi nesse período que Hegel escreveu sua segunda grande obra, *A ciência da lógica*. Essa obra grandiloqüente distingue-se por praticamente não tocar nos dois assuntos mencionados em seu título. Quando falava de ciência, Hegel queria dizer metafísica – a própria antítese da física. E quando dizia lógica pretendia se referir a seu método dialético. Caso se aceite o método dialético de Hegel como lógico, então seu sistema é de fato o mais rigidamente estruturado, o mais abrangente e o mais bem fundamentado jamais concebido. Caso contrário, existe uma forte tendência a considerar tudo aquilo uma aberração metafísica. (De acordo com esse ponto de vista, Hegel devia ter denominado sua obra *A metafísica da metafísica*, o que teria de fato deixado mais claro seu conteúdo.)

Na *Ciência da lógica*, Hegel não considera a lógica, mas sim os conceitos que usamos quando argumentamos de forma lógica – como as categorias de Kant (ser, quantidade, relação etc.). Destas, a mais importante para Hegel é a relação e a relação mais universal é a contradição. Assim se inicia o processo dialético de tese, antítese e síntese. Como já vimos, Hegel considerava o pensamento a realidade última e, na medida em que o método dialético regia os processos do pensamento, regia também a realidade. Para Hegel, isso era a "ciência" de sua lógica. Tudo era subordinado ao método dialético.

A ciência da lógica revela a diferença fundamental entre Kant e Hegel. Kant era plenamente qualificado para escrever um livro sobre ciência e sobre lógica, uma vez que era um cientista original e um lógico brilhante. Hegel, por outro lado, adotou o enfoque histórico da filosofia. Não são apenas suas frases que se valem da perspectiva de longo prazo em relação aos acontecimentos. Ele via o mundo de forma abrangente, como um processo histórico em perpétua evolução. Já Kant observava o mundo com a clareza do cientista. O ponto de vista de Kant é o que vigora atualmente,

mas, considerando que a história humana se aproxima do fim de uma longa era expansionista, é possível que o ponto de vista de Hegel ainda ressurja.

A ciência da lógica tornou Hegel famoso. Bastou-lhe publicar a primeira parte para que as universidades de Heidelberg e Berlim lhe oferecessem cargos de professor. Escolheu Heidelberg, onde chegou em 1816. Hegel foi o mais prestigioso filósofo a ter ocupado um cargo nessa universidade durante sua longa história, e na encosta que margeia o rio que corta a cidade existe uma trilha conhecida como o Passeio do Filósofo. Para chegar a essa trilha, sobe-se através dos vinhedos: embaixo está a velha ponte sobre o Neckar, e na outra margem, ao pé do castelo, fica a secular cidade universitária. Há alguns anos, contaram-me que o Passeio do Filósofo recebeu esse nome por causa de Hegel – mas a partir de então disseram-me que não é verdade, uma vez que Hegel detestava sair para caminhar no campo.

Um ano após chegar a Heidelberg, Hegel publicou *A enciclopédia das ciências filosóficas*, a fim de que os alunos estudassem antes de virem para as aulas. Ela contém um resumo de toda a sua filosofia e permite o acesso aos códigos de seu jargão, bem como ao uso excêntrico que fez de várias palavras. O conceito de lógica não foi o único a padecer – suas aulas eram então totalmente incompreensíveis, a menos que se estivesse inteirado daquele linguajar afetado. Mesmo as explicações mais simples necessitavam decodificação: "Se examinamos de forma breve os momentos dessa transição da Qualidade para a Quantidade, o qualitativo tem por determinação fundamental o Ser e a proximidade, onde o limite e a determinação são idênticos ao ser do Algo, de tal forma que, sendo estes alterados, o próprio algo desaparece." (Não foi por acaso que vários dos que decifraram o diabolicamente difícil código alemão "Enigma" durante a Segunda Guerra Mundial eram antigos alunos de Hegel.)

Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, Hegel também elabora seu sistema, que pode ser visto como uma série de estruturas piramidais, culminando em uma supertríade cuja tese é a Idéia Absoluta, que produz uma antítese, Natureza, e cuja síntese é o Espírito ou Realidade Absoluta. Todo o sistema pode ser visto como o Espírito (que é também a Realidade Absoluta) contemplando a si mesmo e a seu próprio significado. Como indivíduos, pouco a pouco nos movemos através desse sistema à medida

que nos tornamos mais racionais, mais espírito, mais conscientes de nós mesmos e de nossa importância.

Esse sistema é um vasto monismo espiritual – a síntese totalmente abrangente da Idéia e da Natureza Absolutas: o Espírito (ou Realidade Absoluta). Mas, além de ser triádico, ele também pode ser visto como cíclico – uma vez que a diferenciação é parte necessária desse todo. O método dialético atua ao longo de todo o processo: a tese gerando a antítese etc. A verdade só pode ser conhecida após ter se diferenciado – gerado sua antítese, erro – e superado esse fato. Da mesma forma, Deus só é infinito porque assimilou a limitação do finito e a superou. (Um processo dialético simelhante se reflete na Queda do homem, que era necessária a fim de que ele pudesse alcançar a bondade.) Assim como a integração da síntese, existe sempre a diferenciação da tese gerando a antítese.

Em 1818, Hegel decidiu adotar a antítese de sua decisão de aceitar o cargo em Heidelberg e, em vez disso, aceitou a oferta de um emprego em Berlim, onde se tornou professor de filosofia, posto que ficara vago com a morte de Fichte. Napoleão tinha então sido derrotado, e a Prússia uma vez mais dominava o estado alemão. A Prússia iniciava naquele momento uma era de conservadorismo sufocante e Berlim era sua capital. Hegel ficaria em Berlim pelos treze anos seguintes. Suas aulas transformaram-se em uma instituição, atraindo centenas de alunos, e o miasma de sua influência filosófica começou a se estender pelas universidades alemãs sob a forma do hegelianismo.

Toda a liberdade de pensamento e de expressão política estava na época virtualmente proibida na Prússia. Isso significava que a força intelectual dos estudantes e dos sofisticados cidadãos de Berlim tinha que buscar um escoadouro em algum outro lugar. O resultado foi um grande *boom* nas artes, na filosofia e na música, entre as classes cultas.

Hegel tornou-se praticamente o filósofo oficial do estado prussiano. Em 1821, publicou *A filosofia do direito*, que trata da política e dos direitos da sociedade. Era então totalmente a favor do *status quo* e rejeitava qualquer idéia de mudança social radical. A dialética básica dessa obra é: Tese: as leis abstratas universais. Antítese: consciência pessoal. Síntese: a ética de uma sociedade. Hegel acreditava que essa sociedade deveria se apoiar nos valores da família e nas agremiações. No

entanto, surpreendentemente, o estado que ele imagina se aproxima mais do modelo britânico da época do que do prussiano. Previa um governo parlamentarista, uma monarquia com poderes limitados, julgamento por tribunais e tolerância das dissidências – especialmente por parte de dissidentes religiosos e de judeus. (Tanto quanto pude averiguar, Hegel era totalmente isento de antisemitismo, o qual era bastante aceito socialmente, alcançando proporções epidêmicas na sociedade prussiana durante esse período.)

Hegel continuou, no entanto, a fazer o que mais sabia, confundindo salas repletas de aplicados alunos. Com a caixa de rapé sobre o púlpito a seu lado, entradas profundas e cabelos ralos na cabeça curvada, embaralhava estabanadamente seus cadernos de anotações, passando as páginas para trás e para frente enquanto pronunciava, hesitante, seqüências de frases confusas, interrompidas com freqüência por acessos de tosse, até que, atingindo enfim um nível de abstração pura, desembocava numa apoteose de inesperada eloqüência, que por um momento elevava seu discurso acima das quase sempre conflitantes teses e antíteses cifradas até um pináculo sublime que transcendia todo significado, onde se expandia, por conta própria, antes da irrupção de outro acesso de tosse.

De vez em quando, um aluno particularmente iludido o acompanhava a seu gabinete após a aula, onde o que se via era uma figura estranha e pálida sentada atrás de uma mesa enorme, vestindo uma toga surrada que ia até o chão, remexendo pilhas espalhadas de papéis avulsos e de livros. No meio do desajeitado discurso dirigido ao visitante, o filósofo então se alheava, tartamudeando e tateando durante intermináveis minutos, inteiramente absorto e esquecido da presença do outro.

Hegel publicou pouco durante esse período, mas alguns criptógrafos dedicados tomavam notas de suas aulas, as quais foram publicadas em sua obra reunida. Essas notas contêm a mais detalhada exposição das idéias de Hegel sobre estética, filosofia da religião e sua notória filosofia da história, que tenta reduzir a história a um processo dialético – uma pseudo-idéia que iria retornar de forma radical nas obras de seu seguidor Marx. Segundo essa idéia, a história tem um objetivo (a vontade de Deus para Hegel, a realização da utopia comunista para Marx). Hegel traça o tortuoso avanço dialético da história através dos castelos de areia do tempo. Os impérios da China, a Grécia antiga e Roma finalmente cederam

às glórias do estado prussiano, a mais elevada forma de vida comunitária conhecida pela humanidade (e, como tal, transcendendo em muito os direitos de qualquer indivíduo). "A história nos mostra que quando tudo, exceto o nome da filosofia, foi perdido em outras terras, ele se manteve como uma peculiar propriedade da nação alemã. *Nós* recebemos da natureza a honrosa convocação para sermos guardiães desse fogo sagrado – assim como nos primórdios o espírito do mundo preservou a mais digna consciência na nação judaica." Não foi idéia de Hegel que os primeiros guardiães do fogo sagrado da mais digna consciência devessem sofrer o destino a que se submeteram nas mãos dos nazistas no século XX. Hegel provavelmente teria se assustado com Hitler e as abominações do Terceiro Reich. O mínimo que se pode dizer, no entanto, é que escrever tanta inutilidade em nada contribuiu para os fatos.

Hegel via a história da perspectiva mais ampla possível: uma "visão histórica mundial". A história era considerada um processo de auto-realização. A humanidade estava engajada em uma jornada de reflexão e auto-entendimento intelectual – uma consciência crescente de sua própria unidade e objetivo. Nós nos apropriamos de todo o nosso passado quando vemos a estória de nossa auto-realização como um todo significativo. Assim, o objetivo da história era nada menos que a descoberta do sentido da vida.

O progresso, "a compreensão do passado" (como se ele tivesse apenas uma única interpretação), o significado da vida – longe de ser uma "visão histórica mundial", essas idéias estão bastante enraizadas em seu tempo e espaço: a Alemanha do início do século XIX. Os estados alemães estavam se fundindo para constituir uma poderosa nação européia, a revolução industrial espalhava-se pela Europa, o mundo ingressava numa época áurea de descobertas científicas e os impérios europeus se estendiam aos mais distantes postos avançados do globo. Tudo bastante diferente da perspectiva deste final de século XX. O "progresso" não é mais visto como inevitável, a humanidade chegando até a admitir a possibilidade de sua própria extinção. Da mesma forma, foi a ciência, e não o Espírito, que assumiu as características do Absoluto. A teoria hegeliana da história não foi capaz de dar conta desses avanços. (Assim como o sistema ao qual deu vida, a teoria marxista da história, ela não foi capaz de dar conta do

"inevitável colapso do sistema capitalista", que obstinadamente se recusou a acontecer.) Não vemos mais a história como um padrão significativo e predeterminado, e sim como um experimento científico cujo resultado repousa agora em grande parte em nossas mãos.

Apesar de todas as suas falhas, no entanto, a visão histórica de Hegel não ofuscou totalmente seu juízo. Apenas ele, dentre os pensadores do século XIX, reconheceu o iminente desabrochar da América. "Na era vindoura será onde o núcleo da história mundial se revelará." Marx, Nietzsche, Verne – todos os grandes profetas do século XIX deixaram de perceber o fato mais importante do século XX.

Em 1830, Hegel foi nomeado reitor da Universidade de Berlim e, um ano mais tarde, condecorado pelo rei Frederico Guilherme III. As extravagâncias do espírito do mundo começavam, porém, a preocupar Hegel. Em 1830, outra revolução aconteceu em Paris e, dessa vez, ele não se encontrava na praça do mercado plantando uma Árvore da Liberdade. Quando os ecos dessa revolução chegaram a Berlim e houve um levante popular, Hegel adoeceu diante da idéia de um governo da plebe. Um ano mais tarde, escreveu um artigo para o *Preussische Staatszeitung* (*O Jornal do Estado Prussiano*) criticando o Projeto de Reforma, então em estudos no parlamento britânico, e tornando pública sua visão da democracia britânica. A constituição inglesa era simplesmente uma mixórdia, se comparada às "instituições racionais" do estado prussiano. E um governo popular, mesmo sob a forma bastante limitada como a então praticada na Inglaterra, era um claro impedimento ao ritmo de valsa do espírito do mundo (A Dialética Azul). Um governo não deveria sequer tentar expressar a vontade do povo. "O povo nunca sabe o que quer." Mesmo isso, porém, era demasiado revolucionário para as autoridades prussianas, e a segunda parte do artigo de Hegel foi censurada.

Em 1831, a epidemia de cólera que devastava a Alemanha chegou a Berlim, e Hegel saiu da cidade durante o verão, indo morar em uma casa na zona rural próxima. Mas, nada, nem mesmo o cólera, conseguia mantê-lo longe de sua amada sala de aula. Em novembro, voltou à cidade e deu seus dois primeiros dias de aula "com tal entusiasmo e vigor que surpreendeu seus ouvintes". (Seu biógrafo Rosenkranz atribuiu essa eloqüência pouco característica aos sintomas iniciais do cólera.) No

terceiro dia Hegel sucumbiu à doença e, no dia seguinte, 14 de novembro de 1831, morreu dormindo, pacificamente, inconsciente até mesmo de que sua vida corria perigo. Foi enterrado, como desejava, ao lado de Fichte. Seu túmulo, que pode ser visitado no cemitério de Dorotheenstadt, um pouco ao norte do centro da cidade, é hoje considerado um santuário nacional.

Tão logo teve a notícia da morte de Hegel, sua irmã, Christiane, começou a escrever suas memórias, contando a infância vivida junto ao irmão. Enviou o manuscrito à viúva e, passado algum tempo, afogou-se em um rio.

Cinco anos mais tarde, Karl Marx chegava a Berlim para estudar, sendo apresentado à obra de Hegel. Após absorver a principal tese de suas idéias, e de reagir contra elas, sintetizou sua filosofia do materialismo dialético – que não era de modo algum o que Hegel tinha em mente para o espírito do mundo.

POSFÁCIO

. . . .

Hegel queria ser levado a sério e seu desejo se concretizou. O antídoto filosófico do hegelianismo se espalhou por toda a Europa, tornando departamentos inteiros de filosofia das universidades imunes ao pensamento filosófico. O hegelianismo, com sua sagração do *status quo*, respondia exatamente às necessidades da Alemanha guilhermina e da Inglaterra vitoriana. Esse glorioso e atordoante hino à condição burguesa teria certamente que ser inventado se Hegel não tivesse reclamado para si a enorme tarefa de fazê-lo. Sua filosofia atendia a todas as exigências da época. A disciplina e a ordem, a crença no trabalho por amor ao trabalho, o caráter aperfeiçoador do sofrimento, a fé em um sistema rígido cujos alicerces metafísicos permaneciam além de toda a compreensão – eram essas as exigências feitas aos leitores de Hegel (para não falar da classe média do final do século XIX). O sistema abrangente e profundo de Hegel se assemelhava a um colossal jogo de contas de vidro: um desafio intelectual que atraía as mentes mais refinadas da época. E assim poderia em tese ter permanecido, mas a Europa não se encontrava prestes a ingressar na longa estabilidade de outra era medieval, em que a dialética desempenharia um papel no pensamento ainda maior do que o silogismo.

Ou estava? Com certeza tentativas eram feitas – de modos diferentes, porém com os mesmos resultados assustadores – para instituir essa era. No entanto, a culpa dessas monstruosidades não pode ser imputada ao solitário professor de rosto pálido, vestido em sua toga surrada. Seu crime contra a linguagem foi a obscuridade, o deles foram mentiras. Sua compreensão do mundo era, em última instância, um estupendo conto de fadas intelectual; eles decidiram nem mesmo tentar entender o mundo, mas transformá-lo.

O hegelianismo tem sido considerado um imenso e elaborado platonismo. Platão acreditava mais na realidade última das idéias abstratas

do que no mundo confuso de coisas concretas que aparentemente habitamos. O mundo que vemos ao nosso redor só é real na medida em que participa dessas idéias transcendentais. (Por exemplo, uma bola vermelha participa das idéias abstratas de vermelho, esfericidade, elasticidade e assim por diante.) No hegelianismo, porém, essa melodia simples das idéias platônicas foi transformada em um interminável e bombástico ciclo operístico wagneriano.

Ironicamente, tudo isso pode não ter sido completa perda de tempo. Esses sistemas metafísicos grandiosos podem ter, ainda que à revelia, servido a algum objetivo histórico. As técnicas intricadas dos alquimistas eram analogamente recheadas de metafísica e excentricidades intelectuais – e, não obstante, são agora vistas como se tivessem mantido vivas e desenvolvido as idéias que iriam se transformar na química. Processo semelhante bem pode ter ocorrido na filosofia do século XIX – com seus vastos sistemas metafísicos mantendo vivo e desenvolvendo o mais ambicioso projeto intelectual da humanidade: uma explicação totalmente sistemática do mundo. A alquimia intelectual necessária a esse projeto continuou a se desenvolver enquanto a ciência moderna estava embrionária, incapaz de tais ambições. Finalmente, porém, a plausibilidade prevaleceu. E agora, em lugar de confiar no método dialético metamorfoseando argumentos básicos em ouro, depositamos nossa fé no raquítico e explosivo aparato da ciência.

O pecado do hegelianismo foi reivindicar o rigor científico. Como vimos, o método dialético não era nem lógico nem científico, mas pior ainda era a crença do hegelianismo em um Absoluto "fundamentado na estrutura da ciência". A noção de que esse Absoluto era a única realidade última levou a uma perigosa degradação do mundo real e daqueles que nele habitam. O indivíduo transformou-se em algo que "de fato não existia", mas que era parte de um processo que o transcendia. As pestes do século XX eram políticas e a crença nessa noção suicida viria a ser o seu bacilo.

CITAÇÕES-CHAVE

. . . .

Todo o racional é real e todo o real é racional.

Filosofia do direito: Prefácio

"É possível mostrar que a noção de filosofia está implícita até mesmo em nosso pensamento cotidiano. Começamos com nossos desejos e percepções imediatos, mas estes logo nos instam para além de seu imediatismo, no sentido da apreensão de algo maior do que nós mesmos – um ser infinito e uma vontade infinita. Esse foi o curso que segui em *A fenomenologia do espírito*.

Enciclopédia, 2, §2

O tempo, como o espaço, é uma forma pura de percepção ou intuição sensível. É a condição de toda percepção ativa imediata, assim como daquilo que é percebido, ou seja, de toda a experiência e de tudo que é experimentado. A natureza é feita de espaço e tempo e é um processo. Quando acentuamos seu aspecto espacial, estamos conscientes de sua natureza objetiva; quando salientamos seu aspecto temporal, tornamo-nos conscientes de sua natureza subjetiva. Como a percebemos, a natureza é um interminável e contínuo processo de transformação. As coisas acontecem e passam no tempo. Essas coisas não estão só no tempo, mas também são temporais – o tempo é uma forma de existência.

Enciclopédia, 201, §2

Toda verdade ou pensamento realmente lógico tem três aspectos. Primeiro, o aspecto abstrato ou compreensível, que indica o que uma coisa é. Segundo, sua negação dialética, que diz o que ela não é. Terceiro, o especulativo – que é a compreensão concreta: A é ao mesmo tempo aquilo que não é. Esses três aspectos não constituem os três aspectos da lógica;

são antes momentos de tudo que possui realidade e verdade lógica. São parte de todo conceito filosófico. Todo conceito é racional, é uma abstração oposta a outra e é abrangida por uma unidade com seu oposto. *Essa é a definição de dialética*.

Enciclopédia, 13

Toda ciência, exceto a filosofia, trata de objetos aceitos de antemão. Os temas sob investigação são simplesmente aceitos antes de serem investigados cientificamente. Da mesma forma, as interpretações reunidas desse modo são verificadas mediante referências ao material dado. As ciências não têm necessidade de justificar o status de seu material. A matemática, a jurisprudência, a medicina, a zoologia, a botânica e outras ciências naturalmente pressupõem a existência de magnitude, espaço, número, direito, doença, animais, plantas etc.

Com a filosofia é diferente. A filosofia começa na dúvida e na argumentação. Ela se inicia com uma indagação sobre si própria.

O objeto e o método da filosofia não são admitidos ou acordados antes que comecemos a filosofar. A filosofia gira em torno da investigação dessas coisas e é isso que torna o assunto tão problemático. Por um lado, a filosofia deve começar pela investigação de si mesma; e, por outro, deve ser mediadora do mundo. Essa necessária união do imediato e do mediato é o que a filosofia é.

Enciclopédia, 1, 2, 3

A experiência e a história nos ensinam o seguinte: que nações e governos jamais apreendem nada da história ou agem de acordo com algo que pudessem ter aprendido com ela.

Lições sobre filosofia da história mundial,
Introdução

Assim, ser independente da opinião pública é a primeira condição formal para a obtenção de algo grande ou racional, seja na vida, seja na ciência. Essa conquista será certamente reconhecida no devido tempo pela opinião pública, que a transformará devidamente em um de seus próprios preconceitos.

Filosofia do direito, 318

Como forma de família universal, a sociedade civil tem o direito e o dever de supervisionar e influenciar a educação, pois a educação molda a capacidade de uma criança de se tornar membro da sociedade. Nesse caso, o direito da sociedade tem importância muito maior do que os desejos arbitrários e contingentes dos pais, sobretudo quando essa educação é complementada não pelos pais, mas por outros.

Ibid., 239

Nós, os alemães, seríamos hegelianos, mesmo que Hegel nunca tivesse existido, na medida em que, diferentemente dos habitantes do Mediterrâneo, nós instintivamente antes atribuímos um significado mais profundo e um valor maior à transformação e ao desenvolvimento do que ao que é. Nós dificilmente acreditamos na justificação do conceito de ser.

Nietzsche, *A gaia ciência*, Aforismo 357

Como aceitará sua natureza livre, senão arcaica, a "tortura espanhola" do método dentro do qual eu confino o Espírito?

Carta 167 a von Sinclair (rascunho),
meados de outubro de 1810

Na medida em que a filosofia pode afirmar ser de interesse independente, na verdade até mesmo do mais alto interesse, seu professor deve abertamente admitir diante de todos que em nenhum lugar poderá ela ser de muito valor, exceto para uns poucos.

Carta 152 a van Ghert, Nuremberg,
16 de dezembro de 1809

Somente dentro dos limites do estado o homem tem de fato uma existência racional. O objetivo de toda educação é garantir que o indivíduo cesse de ser puramente subjetivo e chegue a uma existência objetiva dentro do estado ... Ele deve toda a sua existência ao estado ... Qualquer valor ou realidade espiritual que tenha, será unicamente conseqüência do estado.

Lições sobre a filosofia da história mundial,
Introdução

Na história, estamos preocupados com o que foi e com o que é; na filosofia, por outro lado, não estamos preocupados apenas com o que pertence exclusivamente ao passado ou mesmo ao futuro, mas com o que *é*, tanto agora quanto na eternidade – ou seja, com a razão.

Ibid., Introdução

A ordem ética da sociedade alcançou seu objetivo e sua verdade no espírito que morreu nela – ou seja, o indivíduo. No entanto, essa entidade jurídica (uma pessoa) tem sua substância e se realiza fora da ordem ética. O processo da cultura e da crença mundiais dispõe dessa abstração como uma mera pessoa; e, mediante a conclusão desse processo de alienação, atingindo o máximo da abstração, o próprio espírito encontra a substância e se transforma primeiramente na vontade universal e finalmente em sua própria possessão. Nesse ponto, o conhecimento finalmente parece ter-se tornado inteiramente adequado à verdade que pretende; pois sua verdade é esse conhecimento mesmo. Toda oposição entre os dois lados foi eliminada, mas não para *nós* (que estamos tão-somente delineando o processo), não só *implicitamente*, mas na realidade para a própria autoconsciência. Dessa forma, a autoconsciência dominou a oposição representada pela própria consciência. Essa oposição é o conflito entre a certeza de si mesmo e o objeto. Mas agora o objeto por si só *é* a certeza de si mesmo, que é o conhecimento: assim como a certeza de si mesmo como tal já não tem limites próprios, não é mais condicionada e determinada, mas é conhecimento puro.

A fenomenologia do espírito, VI

O espírito universal se manifesta na arte como intuição e imagem, na religião ele se manifesta como sentimento e pensamento representativo e na filosofia ele ocorre como pura liberdade de pensamento. Na história mundial, o espírito se manifesta como a realidade de espírito, sua inteireza de internalidade e externalidade. A história mundial é um tribunal porque, em sua universalidade absoluta, o particular – ou seja, as formas de culto, a sociedade e os espíritos nacionais em todas as realidades diferentes – só se faz presente como ideal e aqui o movimento do espírito é a manifestação disso ...

A história mundial não é o veredito de poder – ou seja, de um destino cego cumprindo-se em inevitabilidade abstrata e irracional. Ao contrário, uma vez que o espírito é implícita e verdadeiramente razão, e a razão é explícita a ela própria em espírito como conhecimento, a história mundial é o desenvolvimento necessário, decorrente da liberdade de espírito, dos momentos de razão e, assim, da autoconscientização e da liberdade de espírito.

A história do espírito é sua própria ação. O espírito é tão-somente o que ele faz e sua ação o torna objeto de sua própria conscientização. Através da história sua ação ganha consciência de si mesmo como espírito, apreende a si mesmo em sua interpretação de si mesmo para si mesmo. Essa apreensão é seu ser e seu princípio, e a realização dessa apreensão, num determinado estágio, é simultaneamente a rejeição daquele estágio e sua elevação a um estágio mais elevado.

Filosofia do direito, História universal

Há páginas de Hegel que têm o mesmo efeito no domínio do pensamento que os sonetos de Mallarmé têm no âmbito da poesia. Eles são veículos de evocação e vagas nuances sentimentais – nada mais. Isso não diminui seu valor; pode até aumentá-lo. No entanto, narcóticos verbais e formulações hipnóticas não nos deveriam ser impostos como verdades.

Giovanni Papini, *O crepúsculo dos filósofos*

Quando os jesuítas e os missionários católicos primeiro decidiram ensinar aos índios a cultura e os hábitos europeus ... eles se aproximaram das tribos e estabeleceram rotinas para elas, como se se tratasse de colegiais; e, não importa quão preguiçosos fossem os nativos, eles de fato obedeciam. Os missionários também construíram armazéns e mostraram aos índios como usá-los, de modo a que pudessem atender suas necessidades futuras. Os missionários escolheram os melhores métodos de civilizar suas obrigações, em geral tratando-os como se fossem crianças. Lembro-me até que um missionário costumava tocar um sino à meia-noite para lembrá-los de desincumbir-se de seus deveres de maridos, porque de outra forma jamais lhes teria ocorrido fazê-lo. Essas regras inicialmente tinham o (altamente benéfico) efeito de provocar suas necessidades, sendo essas a origem de toda a atividade humana.

Lições sobre a filosofia da história mundial,
Introdução, Apêndice 1

CRONOLOGIA DA VIDA DE HEGEL

. . . .

1770 Nasce em 27 de agosto, em Stuttgart.

1781 Acometido de febre grave, que também atinge toda a sua família, resultando na morte da mãe.

1788 Estuda teologia na Universidade de Tübingen, onde conhece Hölderlin e Schelling.

1793 Após graduar-se em Tübingen, muda-se para Berna, na Suíça, para trabalhar como professor particular.

1796 Hölderlin consegue-lhe um cargo de professor em Frankfurt.

1799 A morte do pai de Hegel assegura-lhe pequena renda particular.

1801 Com a ajuda de Schelling, é nomeado *Privatdozent* na Universidade de Iena.

1806 Hegel conclui *A fenomenologia do espírito*, enquanto Napoleão vence a Batalha de Iena.

1807 Torna-se editor do *Bamberger Zeitung*.

1808 Torna-se diretor do *Gymnasium*, em Nuremberg.

1811 Casa-se com Marie von Tucher.

1812 Publica a primeira parte de *A ciência da lógica* (concluída quatro anos mais tarde).

1817 Publica *A enciclopédia das ciências filosóficas*.

1818 Assume o cargo de professor de filosofia na Universidade de Berlim.

1821 Publica *A filosofia do direito*.

1830 Profundamente perturbado com os distúrbios em Berlim.

Nomeado reitor da Universidade de Berlim.

1831 Morre de cólera, em Berlim, em 14 de novembro.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA DE HEGEL

. . . .

1770 Nascimento de Friedrich Hölderlin, Ludwig van Beethoven e William Wordsworth.

1776 As colônicas americanas tornam-se independentes da Grã-Bretanha: nascimento dos Estados Unidos da América.

1786 Morte de Frederico, o Grande.

1789 Revolução Francesa.

1793 A Revolução Francesa se transforma no Terror, sob a liderança de Robespierre.

1806 Napoleão vence a Batalha de Iena.

1813 Nascimento de Wagner.

1815 Napoleão é finalmente derrotado na Batalha de Waterloo e, em conseqüência, exila-se em Santa Helena. Os ingleses consolidam o domínio sobre toda a Índia.

1819 Simón Bolívar inicia sua campanha para libertar a América do Sul do domínio colonial espanhol.

1821 Faraday descobre o princípio do motor elétrico.

1825 Surgimento da estrada de ferro: a rota de Stockton a Darlington é aberta por Stephenson.

1829 Os ingleses anexam a totalidade do subcontinente australiano.

1830 A Grécia se torna independente do Império Otomano.

1831 Darwin parte, no HMS *Beagle*, para as Ilhas Galápagos.

1832 Morte de Goethe em Weimar.

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

. . . .

séc. VI *a.C.*	Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
fim do séc. VI *a.C.*	Morte de Pitágoras.
399 a.C.	Sócrates condenado à morte em Atenas.
c.387 a.C.	Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
335 a.C.	Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
324 d.C.	O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
400 d.C.	Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
410 d.C.	O saque de Roma pelos visigodos anuncia o advento da Idade das Trevas.
529 d.C.	O fechamento da Academia em Atenas, pelo Imperador Justiniano, marca o fim do pensamento helenista.
*meados do séc.*XIII	Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
1453	Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
1492	Colombo chega à América. Renascimento em Florença e

renovação do interesse pela aprendizagem do grego.

1543 Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre as revoluções dos orbes celestes*), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.

1633 Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do Universo.

1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.

1677 A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética.*

1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.

1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.

1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.

1716 Morte de Leibniz.

1739-40 Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.

1781 Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.

1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.

1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.

1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.

1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.

década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.

1927 Heidegger publica *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.

1943 Sartre publica *L'être et le néant* (*O ser e o nada*), avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.

1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

LEITURA SUGERIDA

. . . .

G.W.F. Hegel, *Hegel*, Rio de Janeiro, col. Os Pensadores, Abril Cultural.

Michael Inwood, *Dicionário Hegel*, Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

François Châtelet, *Hegel*, Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

Teery Pinkard, *Hegel's Phenomenology: The Sociality of Reason*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

Robert S. Pippin, *Hegel's Idealism: The Satisfactions of Self-Consciousness*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

Peter Singer, *Hegel*, Oxford, Oxford University Press, 1983.

ÍNDICE REMISSIVO

. . . .

Bamberger Zeitung, 1

Demóstenes, 1
dialético, método, 1-2, 3, 4
doenças, 1, 2, 3, 4-5

Fichte, Johann Gottlieb, 1, 2

Goethe, Johann Wolfgang von, 1

Hegel, Christiane, 1, 2-3, 4
Hölderlin, Johann Christian, 1, 2, 3-4, 5
Hume, David, 1

Kant, Immanuel, 1, 2-3, 4, 5; *Crítica da razão pura*, 6

Marx, Karl, 1, 2, 3, 4

Napoleão, 1, 2
natureza, 1
Nietzsche, Friedrich, 1; *A gaia ciência*, 2
Novalis, 1

Obras: *Enciclopédia das ciências filosóficas*, 1, 2, 3, 4, 5; *Lições sobre a filosofia da história mundial*, 6, 7; *Vida de Cristo*, 8; *A fenomenologia do espírito*, 9, 10, 11, 12, 13; *Filosofia do direito*, 14, 15, 16, 17; *Ciência da lógica*, 18-19

Papini, Giovanni, 1
Passeio do Filósofo, O, 1

Platão, 1
Preussische Staatszeitung, 1

Revolução Francesa, 1, 2, 3
Rilke, Rainer Maria, 1

Schelling, Friedrich von, 1, 2, 3
Schiller, Friedrich von, 1
Schlegel, August Wilhelm von, 1
Schlegel, Friedrich von, 1
Schopenhauer, Arthur, 1, 2
Sófocles, 1
Spinoza, Baruch, 1-2

Tucher, Marie von, 1-2, 3

Universidade de Iena, 1, 2

Verne, Jules, 1
Virgílio, 1

CIENTISTAS
em 90 minutos

. . . .

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
Curie e a radioatividade em 90 minutos
Darwin e a evolução em 90 minutos
Einstein e a relatividade em 90 minutos
Galileu e o sistema solar em 90 minutos
Hawking e os buracos negros em 90 minutos
Newton e a gravidade em 90 minutos
Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Hegel in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição
norte-americana, publicada em 1997 por Ivan R. Dee,
de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern
Copyright da edição brasileira © 1998:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Ilustração: Lula

ISBN: 978-85-378-0576-3

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
